

Princípios de Antropologia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Princípios de antropologia / William A. Haviland...[et al.] ; tradução Elisete Paes e Lima; revisão técnica Antônio Pimentel Pontes Filho. -- São Paulo : Cengage Learning, 2011.

Outros autores: Harald E. L. Prins, Dana Walrath, Bunny McBride
Título original: The essence of anthropology.
2. ed. norte-americana.
Bibliografia
ISBN 978-85-221-1055-1

1. Antropologia I. Haviland, William A. II. Prins, Harald E. L. III. Walrath, Dana. IV. McBride, Bunny. V. Pontes Filho, Antônio Pimentel.

10-13769

CDD-301

Índice para catálogo sistemático:

1. Antropologia 301

Princípios de Antropologia

Tradução da 2ª edição norte-americana

WILLIAM A. HAVILAND

Professor Emérito, University of Vermont

HARALD E. L. PRINS

Kansas State University

DANA WALRATH

University of Vermont

BUNNY McBRIDE

Kansas State University

Tradução

Elisete Paes e Lima

Revisão técnica

Antônio Pimentel Pontes Filho

Mestre em Antropologia Social, bacharel em Ciências Sociais. Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Atua nas áreas de Antropologia da Religião, Teoria Antropológica, Antropologia Visual, Cultura. Líder do Grupo de Pesquisa em Antropologia Social – Nimuendajú (CNPq).

 **CENGAGE**
Learning™

Austrália • Brasil • Japão • Coreia • México • Cingapura • Espanha • Reino Unido • Estados Unidos

2. Considerando o significado cultural das cerimônias de nomeação em muitas sociedades, o que você acredita ter motivado seus pais a escolher seu nome? Isso tem alguma influência em seu senso de *self*?
3. Você se ajusta ao padrão aceitável de personalidade modal de sua sociedade? Como?
4. Como mais de 60 milhões de pessoas atualmente são intersexuais, o que você acha de sociedades que criaram um espaço cultural para a opção do terceiro gênero?
5. A pesquisa transcultural sobre as relações de gênero sugerem que a dominação masculina é uma construção cultural e que, conseqüentemente, arranjos alternativos podem ser criados. Observando seus avós, pais e irmãos, você nota alguma mudança na própria família? E na sua comunidade? Você acha que essas mudanças são positivas?

Palavras-chave

Autoconsciência; cerimônia de nomeação; personalidade; treinamento para dependência; treinamento para independência; personalidade modal; valores básicos; intersexual; transgênero; psicose étnica.

11

Troca e Subsistência



© Louis-Layrent/Grandadam/The Image Bank/Getty Images

INTRODUÇÃO VISUAL

Todo ser humano depende de alimento, água e abrigo para sobreviver. Além das necessidades básicas, também desfruta de outras coisas que tornam a vida mais confortável e prazerosa, proporcionam prestígio ou, de qualquer forma, são desejáveis ou importantes. Como mostra esta imagem de um mercado regional, na região do altiplano da Guatemala, os nativos maias cultivam quantidade de alimentos maior que o necessário para alimentar suas famílias. Assim, levam o excedente para esse mercado tradicional, onde o trocam por produtos que não cultivam ou fabricam, como açúcar, calças jeans, botas de borracha, recipientes de plástico, machados, pás, facas e facões. Também trocam o excedente por moeda, a fim de adquirir outros bens e serviços, como remédios, e para pagar o ônibus ou caminhão para voltar para a aldeia nas montanhas. Para o observador atento, a blusa bordada (*huipile*) usada pelas mulheres maia revela onde elas moram e se são casadas ou solteiras. Em mercados como este, pelo mundo afora, pessoas de lugares diferentes moldam e confirmam suas redes sociais. Essas amizades, parcerias e alianças são essenciais para a segurança e o bem-estar.

Adaptação

Unidade de adaptação

Adaptação na evolução cultural

Modos de subsistência

Sociedades coletoras

Sociedades produtoras

Sociedades industriais

Economia e subsistência

Controle dos recursos naturais

(terra e água)

Recursos tecnológicos

Recursos e padrões da mão de obra

Troca e distribuição

Reciprocidade

Redistribuição

Mercado

Economia local e capitalismo global**Resumo do capítulo**

Todo ser humano deve satisfazer certas necessidades básicas para se manter vivo, o que inclui alimento, água e abrigo. Além disso, como essas necessidades devem ser atendidas regularmente, nenhuma criatura conseguiria sobreviver por muito tempo se a relação com o meio ambiente fosse aleatória e caótica. Nesse aspecto, nós, seres humanos, temos grande vantagem sobre os outros animais. Possuímos cultura. Com o tempo, ela se tornou nosso principal meio de adaptação às limitações e possibilidades em qualquer ambiente.

ADAPTAÇÃO

Nos capítulos anteriores, vimos que adaptação é o processo contínuo pelo qual os organismos passam a fim de se ajustar de modo benéfico a um ambiente específico. O que torna a adaptação humana singular, entre todas as outras espécies, é a nossa capacidade para produzir e reproduzir a cultura, de modo a se ajustar com criatividade a uma variedade extraordinária de ambientes radicalmente diversos. A base biológica dessa capacidade inclui cérebro grande e longo período de crescimento e desenvolvimento.

O modo como as pessoas se adaptam às responsabilidades e oportunidades da vida diária é a preocupação básica de todas as culturas. Como foi definido no Capítulo 8, a “adaptação cultural” de um povo consiste em um complexo de ideias, atividades e tecnologias que permitem a sobrevivência e o desenvolvimento; isto, por sua vez, afeta o ambiente.

Por meio da adaptação cultural, grupos humanos distintos têm conseguido habitar uma grande diversidade de ambientes naturais: da região gelada do Ártico às ilhas de corais da Polinésia, do deserto do Saara à floresta Amazônica. A adaptação não acontece somente quando o ser humano provoca mudanças em seu ambiente natural, ocorre também quando ele é modificado biologicamente pelo próprio ambiente, como ilustra a “Conexão Biocultural” deste capítulo.

Unidade de adaptação

A unidade de adaptação abrange os organismos e seu ambiente. Os organismos, incluindo o ser humano, existem como membros de uma população, que, por sua vez, precisa ter flexibilidade para lidar com a variabilidade e as mu-

Conexão Biocultural**Sobrevivência nos Andes: adaptação dos aimará às altitudes elevadas**

Embora os seres humanos sejam uma espécie que se adapta por meio da cultura, alguns ambientes naturais apresentam desafios climáticos tão extremos que o organismo precisa realizar adaptações físicas a fim de sobreviver. A região alta dos Andes, na Bolívia, oferece um exemplo interessante de interação biocultural complexa, em que um determinado tipo de organismo humano, biologicamente adaptado, surgiu como resultado da seleção natural.

Conhecida como *altiplano*, essa região apresenta altitude média de 4 mil metros. Há milhares de anos, pequenos grupos coletores das regiões baixas e quentes subiram as montanhas em busca de caça e outros alimentos. À medida que subiam, ficava mais difícil respirar em virtude da diminuição da concentração molecular, a pressão parcial do oxigênio no ar. No entanto, ao chegar à região alta, fria e sem árvores, encontraram manadas de lhamas e plantas comestíveis resistentes, incluindo batatas, bons motivos para permanecer. Por fim (cerca de 4.000 anos atrás), seus descendentes domesticaram a lhama e a batata e desenvolveram um novo modo de vida como pastores e agricultores em altitudes elevadas.

A lhama fornecia carne e couro, além de leite e lã. A batata, fonte rica em carboidratos, tornou-se o alimento básico. Durante muitos séculos, os aimará cultivaram seletivamente mais de 200 variedades desse tubérculo em pequenas propriedades familiares. Cozinhavam para consumo imediato e também congelavam e secavam, como *chuño*, a principal fonte nutritiva dos aimará até hoje.

Ainda sobrevivendo como agricultores e criadores de subsistência nas regiões altas, os nativos aimará se adaptaram cultural e biologicamente ao frio e às condições difíceis do altiplano boliviano. Eles vivem e trabalham em altitudes extremamente altas (até 4.800 metros), onde a pressão parcial do oxigênio no ar é muito menor do que a maior parte das pessoas está acostumada.

Ao sofrer hipoxemia (oxigenação insuficiente do sangue), a resposta fisiológica normal à atividade física em tais altitudes é a respiração rápida e pesada. Muitas pessoas, quando visitam a região do altiplano, precisam de vários dias para se acostumar a essas condições. Ir para uma região muito alta, muito rápido, pode provocar *soroche* (mal da altitude), cuja resposta fisiológica pode ser hipertensão pulmonar, aceleração dos batimentos cardíacos, falta de ar, dor de cabeça, febre, letargia e náusea. Esses sintomas geralmente desaparecem quando a pessoa se aclimata, contudo, muitas se cansam com rapidez ao realizar atividades físicas consideradas normais.

Para os índios aimará, cujos ancestrais habitaram o altiplano há milhares de anos, a situação é diferente. Através de gerações de seleção natural, seu organismo se tornou biologicamente adaptado aos baixos níveis de oxigênio. Com pernas curtas e tronco redondo como um barril, o corpo pequeno possui um volume torácico incomum, comparado ao dos vizinhos das regiões baixas e tropicais e ao da maior parte dos seres humanos. O coração e os pulmões maiores possuem quase 30% a mais de capacidade de difusão pulmonar para oxigenar o sangue. Resumindo, o tórax distintamente grande dos aimará é uma evidência de sua adaptação biológica à atmosfera com pouco oxigênio de um habitat natural, onde sobrevivem como agricultores e pastores em altitudes elevadas.

(Ver Baker, P. (Ed.) *The biology of high altitude peoples*. Londres: Cambridge University Press, 1978; Rupert, J. L.; Hochachka, P. W. The evidence for hereditary factors contributing to high altitude adaptation in Andean natives: a review. *High Altitude Medicine & Biology*, v. 2, p. 2, p. 235-256, 2001.)

danças no ambiente natural que a sustenta. Em termos biológicos, essa flexibilidade significa que organismos diversos dessa população apresentam diferenças nos dotes genéticos naturais. Em termos culturais, significa que a variação ocorre nas habilidades individuais, no conhecimento e na personalidade. Na verdade, organismos e ambientes formam sistemas interativos dinâmicos. Embora o ambiente não determine a cultura, ele apresenta certas possibilidades e limitações: as pessoas podem cultivar ou pescar com facilidade, mas não se encontra um agricultor na tundra congelada da Sibéria, ou um pescador no meio do deserto do Saara.

Alguns antropólogos adotaram o conceito de **ecossistema** dos ecologistas, definido como um sistema, um todo que funciona, composto pelo ambiente natural e por todos os organismos que nele vivem. O sistema é limitado pelas atividades dos organismos, assim como por processos físicos, como erosão e evaporação.

Adaptação na evolução cultural

Os grupos humanos se adaptam ao ambiente através da cultura. Entretanto, ela pode se modificar com o tempo: sofre **evolução cultural**. Esse processo, às vezes, é confundido com a ideia de **progresso**, a noção de que o ser humano se move para um estágio mais alto e mais avançado no desenvolvimento em busca da perfeição. Contudo, nem todas as mudanças são positivas, no longo prazo, tampouco melhoram as condições para todos os membros da sociedade, no curto prazo. As sociedades urbanas complexas não são mais evoluídas que as dos povos coletores. Ambas são altamente evoluídas, de formas bem diferentes.

Para se adequar a um ecossistema, o ser humano (como todos os organismos) deve ter potencial para se ajustar a ele ou se tornar parte dele. Um bom exemplo são os comanches, cuja história começa na região alta do sul do estado de Idaho.¹ Vivendo em uma região árida e difícil, esses indígenas norte-americanos sobreviviam de modo tradicional, se alimentando de plantas selvagens, pequenos animais e, ocasionalmente, de caça de maior porte. O equipamento material era simples e limitava-se ao que eles (e seus cachorros) conseguiam carregar ou puxar. O tamanho dos grupos era restrito e a pequena força social que conseguia se desenvolver estava nas mãos do xamã, uma combinação de curandeiro e guia espiritual.

Em algum momento de sua história nômade, os comanches se mudaram para leste, região das Grandes Planícies, atraídos pelas imensas manadas de bisões. Como grupos maiores conseguiam se sustentar com o suprimento novo e abundante de alimento, os comanches precisavam de uma organização política mais complexa. Por fim, adquiriram cavalos e armas dos europeus e de outros mercadores indígenas das regiões vizinhas. Isso aumentou de modo significativo sua capacidade para caçar e provocou o surgimento de chefes caçadores poderosos.

Os comanches passaram a praticar ataques para conseguir mais cavalos (pois não os criavam) e seus chefes caçadores se transformaram em chefes guerreiros. Os antigos caçadores-coletores, materialmente pobres e pacíficos, das regiões altas e secas ficaram ricos, e os ataques passaram a ser um modo de vida. Entre o fim do século XVIII e o início do XIX, eles dominaram as planícies do sul (atualmente Texas e Oklahoma). Ao se mudar de um ambiente para outro e adotar novas

tecnologias, os comanches conseguiram aproveitar as capacidades culturais existentes para se desenvolver nessa nova situação.

Às vezes, sociedades que se desenvolveram independentemente uma da outra encontram soluções semelhantes para problemas parecidos. Por exemplo, os indígenas cheyenne se mudaram da região de florestas dos Grandes Lagos para as Grandes Planícies e assumiram uma forma de cultura que lembrava a dos comanches, embora o passado histórico-cultural dos dois grupos fosse significativamente diferente. (Antes de se transformarem em caçadores de bisão que utilizavam cavalos, os cheyenne eram agricultores e colhiam arroz selvagem, o que promovia um conjunto distinto de práticas religiosas, políticas e sociais. Esse é um exemplo de **evolução convergente**, o desenvolvimento de adaptações culturais semelhantes, em condições ambientais similares, por povos diferentes, com culturas ancestrais distintas.

Particularmente interessante é o fato de que os cheyenne abandonaram por completo a agricultura e se concentraram de modo exclusivo à caça e à coleta, depois de se mudarem para as imensas pastagens, no norte das Planícies Altas. Ao contrário da noção popular de evolução como movimento progressivo para a manipulação cada vez maior do meio ambiente, esse exemplo etnográfico mostra que as mudanças histórico-culturais nas práticas de subsistência nem sempre ocorrem da dependência de alimentos selvagens para a agricultura; o inverso também pode acontecer.

Relacionada ao fenômeno da evolução convergente está a **evolução paralela**, em que adaptações culturais semelhantes a condições ambientais similares são realizadas por povos cuja cultura ancestral era de alguma forma parecida. Por exemplo, o desenvolvimento da agricultura no sudoeste da Ásia e na Mesoamérica (discutida no Capítulo 5) aconteceu de modo independente, pois os povos dessas regiões, cujo modo de vida já era comparável, se tornaram dependentes de uma pequena variedade de alimentos vegetais que exigiam a intervenção humana para sua proteção e sucesso reprodutivo. Ambos desenvolveram formas intensivas de agricultura, construíram grandes cidades e criaram organizações políticas e sociais complexas.

É importante reconhecer que adaptação cultural e evolução envolvem mudança e estabilidade; episódios de mudanças adaptativas importantes podem ser seguidos por longos períodos de estabilidade relativa em um sistema cultural.

Além disso, nem todos se beneficiam das mudanças, principalmente quando são forçadas. Como demonstra a história, dolorosamente, o ser humano, com muita frequência, provocou mudanças que tiveram resultados desastrosos, causando a morte de milhares, ou até mesmo de milhões, de pessoas, para não mencionar outras criaturas, e a destruição do ambiente natural. Em resumo, devemos evitar cair na armadilha etnocêntrica de equiparar mudança com progresso ou ver tudo como adaptativo.

GLOSSÁRIO

ecossistema Sistema, um todo que funciona, composto pelo ambiente natural e por todos os organismos que nele vivem.

evolução cultural Mudança cultural ao longo do tempo (não deve ser confundida com progresso).

progresso Noção etnocêntrica de que o ser humano se move para um estágio mais elevado e mais avançado no desenvolvimento em busca da perfeição.

evolução convergente Na evolução cultural, o desenvolvimento de adaptações culturais semelhantes, em condições ambientais similares, por povos diferentes e com culturas ancestrais distintas.

evolução paralela Na evolução cultural, o desenvolvimento de adaptações culturais semelhantes, em condições ambientais similares, realizadas por povos cuja cultura ancestral era de alguma forma parecida.

¹ Wallace, E.; Hoebel, E. A. *The Comanches*. Norman: University of Oklahoma Press, 1952.

GLOSSÁRIO

coleta de alimentos Modo de subsistência que envolve a combinação de caça, pesca e coleta de alimentos silvestres.

sociedade industrial Sociedade em que trabalho humano, ferramentas e tração animal são substituídos por máquinas, com economia baseada especialmente em grandes fábricas.

Revolução Neolítica Mudança cultural profunda, que teve início há 10.000 anos, é associada ao início da domesticação de plantas e animais e do assentamento em vilas permanentes; provocou transformações radicais nos sistemas culturais e às vezes é chamada de transição neolítica.

horticultura Cultivo de plantações, realizado com ferramentas simples, como galhos ou enxadas.

cultivo por queimada Forma extensiva de horticultura, na qual a vegetação natural é cortada, queimada e o plantio é feito sobre as cinzas.

MODOS DE SUBSISTÊNCIA

As sociedades humanas, em todo o mundo, desenvolveram uma infraestrutura compatível com os recursos naturais disponíveis, dentro das limitações dos vários habitats em que viviam. Cada forma de subsistência envolve não somente os recursos, mas também a tecnologia exigida para obtê-la e utilizá-la de modo efetivo, assim como os tipos de organização de trabalho desenvolvidos para melhor atender às necessidades de uma sociedade. Nas próximas páginas, discutiremos os principais tipos de infraestrutura cultural, começando com o modo de subsistência mais antigo e universal: a coleta de alimentos.

Sociedades coletoras

Antes da domesticação de plantas e animais, todos os povos se sustentavam por meio da **coleta de alimentos**, modo de subsistência que envolve a combinação de caça, pesca e coleta de alimentos silvestres. Quando os coletores tinham a terra para si, podiam escolher os melhores ambientes. Mas, gradualmente, as áreas de solo rico e grandes suprimentos de água foram sendo apropriadas por sociedades agrícolas e, mais recentemente, por **sociedades industriais**, nas quais o trabalho humano, as ferramentas e a tração animal foram substituídos por máquinas. Como resultado, as pequenas comunidades coletoras foram forçadas a sair dos habitats tradicionais.

Atualmente, apenas cerca de 250 mil pessoas (menos de 0,005% da população mundial de mais de 6 bilhões de habitantes) ainda se sustentam como coletoras. Elas se encontram apenas em áreas marginais, na tundra congelada do Ártico, em desertos e florestas e, de modo típico, têm uma existência migratória. Como as culturas coletoras praticamente desapareceram em áreas com abundância natural de alimentos e recursos combustíveis, os antropólogos são cautelosos ao fazer generalizações sobre o passado antigo com base em estudos aprofundados sobre grupos coletores ainda existentes que se adaptaram a habitats mais marginais.

Características das sociedades coletoras

De modo típico, os coletores têm uma dieta ampla e balanceada e é menos provável que sofram fome mais severa que os agricultores. Suas posses materiais são limitadas, como também o desejo de acumular bens. De maneira singular, eles têm muito tempo livre para se concentrar nos laços familiares, na vida social e no desenvolvimento espiritual; aparentemente, bem mais que as pessoas que vivem em sociedades agrícolas e industriais. Essas descobertas, de modo claro, desafiam a antiga visão de que os coletores tinham uma existência miserável.

Atualmente, as pessoas que sobrevivem de caça, pesca e coleta de alimentos selvagens não seguem um modo de vida antigo, porque não têm conhecimento desse aspecto. Ao contrário, as circunstâncias os forçaram a situações em que esse é o melhor meio de sobrevivência, ou simplesmente

preferem viver assim. Na verdade, a coleta constitui uma resposta racional a realidades ecológicas, econômicas e sociopolíticas específicas. Além disso, pelo menos por 2.000 anos, os grupos caçadores, pescadores e coletores atenderam a demanda por produtos, como peles, couro, penas, marfim, pérolas, frutos secos e mel, em grandes redes comerciais. Como qualquer pessoa, grande parte deles agora faz parte de um sistema maior, com relações sociais, econômicas e políticas que se estendem muito além das fronteiras regionais, nacionais ou mesmo continentais.

As características das sociedades coletoras (de modo particular daquelas que ainda, ou até recentemente, sobrevivem em áreas marginais que não são ricas em alimentos e combustíveis) incluem mobilidade e grupos pequenos. Eles se movimentam, conforme a necessidade, em uma região delimitada para recorrer a fontes de alimento naturalmente disponíveis. Um fator crucial para essa movimentação é a disponibilidade de água. A distância entre o suprimento de alimento e a água não deve ser grande, de modo que não seja necessário despender mais energia para recolher água do que para obter alimentos.

Outra característica da adaptação coletora é o tamanho reduzido dos grupos, tipicamente compostos de menos de cem pessoas. Ainda não se apresentou uma explicação completamente satisfatória, mas tanto os fatores ecológicos como os sociais estão envolvidos. Entre os fatores ecológicos está o número de pessoas que os recursos disponíveis conseguem sustentar em determinado nível de técnicas de coleta de alimentos. Isso exige o ajuste a mudanças sazonais e de longo prazo na disponibilidade de recursos. A densidade da população dos grupos coletores em ambientes marginais raramente excede uma pessoa por 2,6 km², índice muito baixo.

Outras características importantes são o igualitarismo, a propriedade comum e a divisão flexível do trabalho por gênero, que serão discutidas na seção sobre economia, neste capítulo.

Sociedades produtoras

Como descrito no Capítulo 5, a domesticação de plantas e animais iniciou-se há cerca de 10.000 anos com a **Revolução Neolítica**. Esse aspecto provocou transformações radicais nos sistemas culturais, com os coletores desenvolvendo novos padrões sociais e econômicos com base no cultivo de plantas ou no pastoreio. Embora a produção de alimentos tenha proporcionado fontes alternativas de nutrição e algum controle sobre os recursos vitais, os novos modos de vida nem sempre eram mais confiáveis que a coleta.

Produção de alimentos: horticultura

Com o advento da domesticação de plantas, algumas sociedades adotaram a **horticultura** (do latim *hortus*, que significa "jardim"), em que pequenas comunidades cultivam safras com ferramentas simples, sem empregar irrigação ou arado. Tipicamente, os horticultores cultivam várias espécies de alimento em espaços reduzidos, limpos de forma manual. Como, no geral, não fertilizam o solo, utilizam determinada área apenas durante alguns anos, antes de abandoná-la e começar a plantar outra. Com frequência, os horticultores cultivam alimentos suficientes para sua subsistência e ocasionalmente produzem um excedente modesto que pode ser empregado em celebrações ou para troca entre aldeias. Apesar de a maior fonte de alimentos vir dessas hortas, muitos horticultores também pescam, caçam e coletam alimentos silvestres, quando há necessidade e oportunidade.

Uma das formas mais difundidas de horticultura, especialmente nos trópicos, é o **cultivo por queimada**, em que a vegetação natural é cortada e, em seguida, queimada e, então, o plantio é feito entre as cinzas. É um modo ecologicamente sofisticado e sustentável de cultivo de alimentos, em especial nos trópicos, quando realizada em condições corretas: baixa densidade populacional e extensão adequada de terra. Ela imita a diversidade do ecossistema natural, produzindo várias safras diferentes na mesma área. Juntas, as safras são menos vulneráveis a pestes e doenças do que se fossem cultivadas isoladamente.

Além de ser ecologicamente seguro, o sistema é muito mais eficiente em questão de energia que os métodos agrícolas modernos empregados em países desenvolvidos, como os Estados Unidos, onde os recursos naturais, como terra e combustíveis, ainda são relativamente baratos e abundantes, e muitas fazendas operam com suporte financeiro em forma de subsídios do governo ou incentivos fiscais. Enquanto a agricultura de alta tecnologia exige consumo de energia maior do que produz, a agricultura por queimada gera entre 10 e 20 unidades de energia para cada unidade consumida.

Produção de alimentos: agricultura

Em contraste com a horticultura, a **agricultura** (do latim *agri*, que significa “campo”) é o cultivo de alimentos, como grãos, tubérculos, frutas e verduras, em solo preparado e mantido para esse fim. Esse modo mais intensivo de produção envolve o uso de tecnologias como irrigação, fertilizantes e arados de tração animal. Nos países considerados desenvolvidos, a agricultura depende de tratores para produzir alimentos em áreas mais extensas. A engenhosidade de alguns dos primeiros agricultores encontra-se ilustrada na seção “Antropologia Aplicada” deste capítulo, com destaque para um sistema ecologicamente correto de irrigação e terraços (socalcos) nas montanhas, estabelecido há 1.000 anos.

Entre os agricultores, o cultivo de excedente é, no geral, substancial, fornecendo alimentos não somente para atender às próprias necessidades, mas também às de vários especialistas que trabalham em período integral e consumidores que não são horticultores. O excedente pode ser trocado por outros produtos ou por moeda, ou pode ser entregue pelos agricultores na forma de impostos, aluguel ou tributos (presentes forçados que reconhecem submissão ou proteção), como pagamento a proprietários de terras ou outros grupos dominantes. Esses proprietários e especialistas, como comerciantes, carpinteiros, ferreiros, escultores, artesãos e cortadores de pedras, tipicamente residem em vilas ou cidades, onde o poder político está centralizado nas mãos de uma elite social. Dominados por grupos e mercados mais poderosos, muito do que os agricultores fazem é determinado por forças políticas e econômicas sobre as quais eles têm pouco controle.

Características das sociedades produtoras de safras

Um dos relatos mais significativos do cultivo de safras foi o desenvolvimento de povoados fixos, onde as famílias de agricultores residem próximo às áreas cultivadas. A atividade de produção de alimentos deu origem a um tipo diferente de organização social. Como o trabalho de alguns membros do grupo fornecia alimento para todos, outros podiam empregar o tempo livre para criar e produzir o equipamento necessário para uma nova forma de vida sedentária. As ferramentas para arar e colher, os utensílios de cerâmica para armazenar e cozinhar, os tecidos para as roupas e as casas de pedra, madeira ou tijolos secos ao sol surgiram dessas condições sedentárias e modificaram a divisão do trabalho.

A Revolução Neolítica também provocou mudanças importantes na estrutura social. Primeiramente, as relações sociais eram igualitárias e pouco diferiam das que prevaleciam entre os povos coletores. Com o crescimento dos povoados, no entanto, muitas pessoas tiveram de compartilhar recursos importantes, como terra e água, e a sociedade tornou-se mais minuciosamente organizada.

Antropologia Aplicada

O antropólogo e o desenvolvimento da agricultura

Ann Kendall

Ao entender as práticas tradicionais de povos indígenas, os antropólogos sempre ficaram impressionados com sua engenhosidade. Essa percepção disseminou-se além da profissão, para todo o Ocidente em geral, criando a noção popular de que os grupos indígenas invariavelmente vivem um tipo de união feliz com o meio ambiente. No entanto, essa nunca foi a mensagem dos antropólogos, que sabem que os povos tradicionais são simplesmente humanos e, como tal, são capazes de cometer erros. Assim, da mesma forma que podemos aprender com seu sucesso, também podemos aprender com seu fracasso.

A arqueóloga Ann Kendall faz exatamente isso no Vale Patacanha, na região andina do sul do Peru. Ela é diretora e fundadora do Cusichaca Trust, com base em Oxford, Inglaterra, uma organização de desenvolvimento rural que revive antigas práticas agrícolas. No fim da década de 1980, após trabalhar por dez anos em projetos de escavações arqueológicas e desenvolvimento rural, ela convidou o botânico Alex Chepstow-Lusty, da Universidade de Cambridge, para investigar as mudanças climáticas e os dados paleoecológicos. Suas descobertas, e as de Ann Kendall, apresentaram evidências de agricultura intensiva no Vale Patacanha, que começaram aproximadamente há 4.000 anos. A pesquisa mostrou que, com o tempo, a limpeza da terra para estabelecer e manter áreas de cultivo e os terraços precários nas encostas resultaram no empobrecimento do solo através da erosão. Cerca de 1.900 anos atrás, a degradação do solo e o clima mais frio provocaram a redução dramática da agricultura. Então, há aproximadamente 1.000 anos, a agricultura renasceu, dessa vez com técnicas para proteger o solo.

As investigações de Ann Kendall documentaram a construção de terraços com irrigação intensiva, em vários períodos de ocupação, incluindo os dois principais, o desenvolvimento pré-inca e o inca ocorrido na região. Era um sistema sofisticado, elaborado para evitar a erosão e obter produção máxima. Exigia que os trabalhadores transportassem terra do vale para as montanhas. Além disso, eles plantavam um certo tipo de árvore (aliso, *alnus acuminata*) a fim de estabilizar o solo e servir como lenha para fogueiras e material de construção. Esse sistema foi tão bem-sucedido no período inca que a população do vale aumentou para cerca de 4 mil pessoas, praticamente o mesmo número de habitantes atual. No entanto, o destino provocou mudanças drásticas quando os espanhóis dominaram o Peru – os terraços e as árvores deterioraram.



Com essas descobertas, as informações e o conhecimento adquiridos por meio de entrevistas e encontros com a população local, o Cusichaca Trust apoiou a restauração de terraços e de 5,8 quilômetros de canal. Os esforços contaram com a mão de obra local, que empregou métodos e materiais tradicionais: argila (com uma mistura de cacto, para manter a umidade), rochas e solo. As famílias locais replantaram 160 hectares de terraços, agora renovados, com milho, batata, trigo e extensas culturas verdes, como favas (pergunto-me se poderíamos hoje incluir a quinua). A cultura em terraços irrigados aumentou consideravelmente a produção agrícola, tornando as áreas até dez vezes mais produtivas que outrora. Entre outras realizações, foram instalados 21 sistemas de água domésticos, que atendem mais de 800 famílias, e o conceito tradicional de horta doméstica foi adaptado para introduzir hortas no estilo europeu, a fim de melhorar a dieta e a saúde e facilitar o comércio. Desde 1997, esses projetos estão sob a administração de uma organização independente e local de desenvolvimento rural, conhecida como Adessa (Associação de Desenvolvimento Ambiental).

O Cusichaca Trust atualmente continua seu trabalho pioneiro em áreas peruanas de extensa pobreza, como Apurímac e Ayacucho, empregando tecnologia tradicional comprovada na restauração de antigos sistemas de canais e terraços.

(Adaptado de R. K. Greenfarming by the Incas? *Science*, v. 281, p. 323, 1998. A atualização e a elaboração do texto pelos autores baseiam-se em comunicação pessoal com Ann Kendall e relatórios do Cusichaca Trust. Para mais informações, visite www.cusichaca.org.)

Criação de animais: pastoreio

Um dos exemplos mais notáveis de adaptação humana ao meio ambiente é o **pastoreio**, a criação e o gerenciamento de grandes rebanhos de herbívoros domesticados, como cabras, ovelhas, bois, cavalos, lhamas ou camelos.

Como dependem de animais para sobreviver, as famílias das culturas de pastoreio possuem manadas cujas necessidades de alimento e água determinam a rotina diária. Ao contrário dos agricultores, que precisam ficar próximo da área cultivada, os pastores de modo geral não possuem moradia permanente, pois devem seguir ou direcionar regularmente as manadas para regiões diferentes. Como seus animais, os pastores precisam se mudar, sendo assim, adaptaram seu modo de vida.

O pastoreio nômade é um modo de vida eficiente (muito mais que a criação de ovelhas ou gado em fazendas) em ambientes que são secos, frios, íngremes ou rochosos demais para a agricultura, como a região árida que se estende para o leste, do norte da África ao deserto da Arábia, através do planalto do Irã até o Turquistão e a Mongólia. Atualmente, apenas na África e na Ásia, há mais de 21 milhões de pastores que ainda migram com as manadas. Tais grupos nômades consideram o

movimento parte natural da vida.

Embora os pastores nômades dependam muito dos animais para atender às necessidades diárias, eles comercializam os animais excedentes, o couro e a lã (e vários artigos artesanais, como tapetes) com agricultores e mercadores. Em troca recebem produtos como trigo, frutas secas,

temperos, chás, facas, panelas e chaleiras de metal, tecidos de algodão ou linho, armas e (mais recentemente) utensílios de plástico, lençóis etc. Em outras palavras, há muitos laços que os ligam às sociedades agrícolas e industriais.

A divisão do trabalho entre os pastores ocorre especialmente conforme a idade e o gênero. De modo típico, a tarefa principal dos homens adultos e dos rapazes mais velhos é cuidar dos animais. Em muitas sociedades de pastores, embora as mulheres e garotas mais velhas também cuidem dos animais, elas basicamente se encarregam de cozinhar, costurar, tecer, cuidar das crianças e carregar combustível e água.

Sociedades industriais

Até aproximadamente 200 anos atrás, as sociedades humanas do mundo inteiro desenvolveram uma infraestrutura cultural com base em coleta, horticultura, agricultura, pastoreio, artesanato, comércio ou uma combinação desses modos de vida. Isso se modificou com a invenção do motor a vapor na Inglaterra, pois provocou uma revolução industrial que rapidamente se espalhou para outras partes do globo. Máquinas e ferramentas movimentadas por água, vento e vapor (em seguida, por petróleo, gás e diesel) substituíram o trabalho humano, a tração animal e as ferramentas manuais, aumentando a produção nas fábricas e facilitando o transporte em massa.

Nos séculos XIX e XX, ocorreu a industrialização em grande escala de muitas sociedades. As invenções tecnológicas que utilizam petróleo, eletricidade e, desde a década de 1940, energia nuclear provocaram mudanças dramáticas na organização econômica e social em escala mundial.

No fim do século XX, a revolução eletrônica digital tornou a distribuição de informações e serviços o centro da atividade econômica em algumas sociedades ricas. Essa transição de sociedade industrial para **sociedade pós-industrial** acontece principalmente em regiões dos Estados Unidos, Canadá, Japão e Europa Ocidental, onde as economias se tornam menos dependentes da produção em grande escala e da distribuição de produtos industrializados. Em vez de enormes fábricas, essas economias pós-industriais baseiam-se cada vez mais na pesquisa e no desenvolvimento de novos conhecimentos e tecnologias, assim como no fornecimento de informações, serviços e capital financeiro em escala global.²

ECONOMIA E SUBSISTÊNCIA

Determinado **sistema econômico** é um conjunto organizado para produção, distribuição e consumo de bens. Uma vez que um povo, na busca por certo meio específico de subsistência, necessariamente produz, distribui e consome, é óbvio que nossa discussão sobre padrões de subsistência envolve os aspectos econômicos. Contudo, os sistemas econômicos englobam muito mais do que se discutiu até agora.

Embora os antropólogos tenham adotado teorias e conceitos de economia, a maioria reconhece que os princípios teóricos derivados do estudo de economias de mercado capitalistas têm aplicação limitada aos sistemas econômicos em sociedades que não são industrializadas e onde as pessoas não produzem e trocam bens para lucro próprio. Isso acontece porque, nessas sociedades que não

GLOSSÁRIO

agricultura Cultivo intensivo de safras, empregando arado, fertilizantes e/ou irrigação.

pastoreio Criação e gerenciamento de rebanhos migratórios de animais domesticados, como cabras, ovelhas, bois, cavalos, lhamas ou camelos.

² Ritzer, G. *The coming of post-industrial society*. 2. ed. Nova York: McGraw-Hill, 2007.

GLOSSÁRIO

sociedade pós-industrial Sociedade cuja economia baseia-se na pesquisa e no desenvolvimento de novos conhecimentos e tecnologias, assim como no fornecimento de informações, serviços e capital financeiro em escala global.

sistema econômico Organização para produção, distribuição e consumo de bens.

tecnologia Ferramentas e outros equipamentos materiais, aliados ao conhecimento de como produzi-los e utilizá-los.

são consideradas estado, a esfera econômica de comportamento não se separa das esferas social, religiosa e política.

Em cada sociedade, costumes e regras específicas determinam o tipo de trabalho, quem o realiza, as atitudes em relação a ele, como é feito e quem controla os recursos necessários para a produção de bens, conhecimento e serviços necessários. Os recursos básicos em qualquer cultura são matéria-prima, tecnologia e mão de obra. As

regras que direcionam o uso desses recursos estão inseridas na cultura do povo e determinam como a economia opera em qualquer ambiente natural específico.

Controle dos recursos naturais (terra e água)

Toda sociedade regula a alocação de recursos naturais valiosos, principalmente terra e água. Os coletores devem determinar quem caça e coleta plantas e onde essas atividades acontecem. Os grupos que dependem da pesca ou da agricultura precisam decidir quem realiza qual tarefa, em que área de terra ou de água. Os agricultores devem ter alguma maneira para determinar o direito à terra e o acesso a suprimentos de água para irrigação. Os pastores necessitam de um sistema que estabeleça direitos a locais com água e pastagens, assim como a áreas por onde conduzir as manadas.

Nas sociedades capitalistas do Ocidente, geralmente prevalece o sistema de propriedade privada da terra e direito a recursos naturais. Por exemplo, embora existam leis elaboradas para regulamentar a compra, posse e venda de terras e recursos hídricos, se o indivíduo desejar realocar uma área valiosa para outros fins, normalmente obtém permissão.

Nas sociedades não industriais tradicionais, a terra, no geral, é controlada por grupos com afinidades ou parentesco, não por um único indivíduo. Por exemplo, entre os ju/'hoansi, do deserto do Kalahari, cada grupo de dez a trinta pessoas vive em uma área de aproximadamente 650 quilômetros quadrados, considerada seu território, seu próprio país. Esses territórios não são definidos por fronteiras, mas pelos locais onde existe água. A terra é "propriedade" dos membros mais antigos, de modo geral um grupo de irmãos e irmãs ou primos. Seu conceito de propriedade da terra, porém, não é fácil de ser traduzido nos termos ocidentais modernos de propriedade privada. Basta dizer que, de acordo com sua visão tradicional, nenhuma parte do território pode ser vendida ou trocada por outros produtos. Os estranhos devem pedir permissão para entrar no território (terra natal), mas negar a autorização seria algo impensável.

Os povos coletores costumam definir territórios com base em características básicas – poços de água (como entre os ju/'hoansi), rios e riachos (como entre os indígenas da região nordeste dos Estados Unidos), locais específicos onde se acredita que morem os espíritos ancestrais (como entre os aborígenes da Austrália),



ou qualquer outro aspecto. Os limites territoriais tendem a ser vagamente definidos e, para evitar atritos, os coletores podem designar parte de seu território como zona neutra, que também é utilizada pelos vizinhos. O valor adaptativo é óbvio: a extensão do território, assim como o tamanho do grupo, pode ser ajustado para equilibrar a disponibilidade de recursos em uma área específica. Tal ajuste seria mais difícil em um sistema de propriedade individual de um território com limites claramente demarcados.

Recursos tecnológicos

Toda sociedade possui algum meio de criar e alocar ferramentas a fim de produzir bens, assim como tradição para transmiti-los às gerações seguintes. O número e os tipos de ferramenta utilizados por uma sociedade, que, aliados ao conhecimento sobre como produzi-los e usá-los constituem sua tecnologia, estão relacionados ao modo de vida de seus membros. Os coletores e pastores nômades que se movimentam com frequência possuem equipamentos mais simples e em menor quantidade que os povos sedentários, pois um número maior de ferramentas complexas prejudicaria a movimentação. Assim, o peso médio dos objetos pessoais dos coletores ju/'hoansi é de menos de 12 quilos, limitados ao essencial, como implementos de caça, coleta, pesca, construção e cozimento. Os pastores nômades, que contam com a ajuda dos animais para transporte, geralmente possuem mais objetos que os coletores, mas menos que as pessoas que vivem em locais permanentes.

Os coletores fabricam e utilizam várias ferramentas, muitas das quais são engenhosas e eficazes. Algumas são para uso próprio, mas, como o código de generosidade é grande, uma pessoa não pode se recusar a dar ou emprestar o que lhe é solicitado. As ferramentas podem ser dadas ou emprestadas em troca dos produtos resultantes de seu uso. Por exemplo, um ju/'hoansi que dá uma flecha a outro caçador tem o direito de receber uma parte dos animais caçados. O animal é considerado "propriedade" daquele cuja flecha o matou, mesmo que este não esteja presente na caçada. Assim, não faz sentido acumular luxos ou produtos excedentes, e o fato de um indivíduo não possuir significativamente mais que outro ajuda a limitar as diferenças de status.

Entre os horticultores, o machado, a vara para cavar e a enxada são as ferramentas básicas. Como são fáceis de produzir, quase todos podem possuí-las. Aquele que fabrica uma ferramenta tem direito a ela, mas, quando não está sendo utilizada, qualquer membro da família pode pedir para usá-la, e a solicitação raramente é negada. A recusa levaria as pessoas a tratarem o proprietário com desprezo pela falta de consideração. Se um parente ajuda a cuidar da plantação em troca de uma determinada ferramenta, ele se torna, em parte, proprietário do implemento, que não pode ser permutado ou presenteado sem sua permissão.

Em comunidades agrícolas permanentes, as ferramentas e outros bens produtivos são mais complexos, pesados e caros para fabricar. Portanto, a propriedade individual tende a ser mais absoluta, como são as condições em que as pessoas podem tomar emprestado e utilizar tais equipamentos. É fácil substituir um facão perdido durante o cultivo; no entanto, é muito mais difícil substituir um arado ou uma colheitadeira. Os direitos de propriedade de ferramentas complexas são aplicados com mais rigidez; no geral, a pessoa que pagou a compra de uma máquina é considerada única proprietária e pode decidir como e por quem será utilizada.

Recursos e padrões da mão de obra

Além de matéria-prima e tecnologia, a mão de obra é um recurso chave em qualquer sistema econômico. Em todo o mundo há muitos padrões diferentes de mão de obra, mas dois deles estão quase sempre presentes nas culturas humanas: a divisão básica por gênero e por idade.

Divisão do trabalho por gênero

Os antropólogos têm estudado extensivamente a divisão social do trabalho por gênero, em culturas de todos os tipos. A característica de trabalho realizado pelos homens ou pelas mulheres varia de grupo para grupo, mas, normalmente, cada um deles possui tarefas específicas. Por exemplo, as práticas, no geral, consideradas “trabalho de mulher” tendem a ser aquelas que podem ser realizadas perto da moradia e que são facilmente retomadas após uma interrupção. As tarefas historicamente consideradas “trabalho de homem” tendem a ser aquelas que exigem força física, mobilização rápida de grande quantidade de energia, viagens frequentes a certa distância da moradia e enfrentamento de altos níveis de risco e perigo.

No entanto, há muitas exceções, como aquelas em sociedades nas quais a mulher com frequência transporta cargas pesadas, ou passa muitas horas realizando trabalho árduo nos campos. Em algumas sociedades, a mulher faz quase três quartos de todo o trabalho e, em várias delas, também participa de combates. Há referências a mulheres guerreiras na história antiga da Irlanda, e as evidências arqueológicas indicam sua presença entre os vikings. No século XIX, no reino de Daomé, na região noroeste da África (atual Benin), milhares de mulheres serviram nas forças armadas do rei daomeano, e foram consideradas melhores lutadoras que os homens.

Durante a Segunda Guerra Mundial, dezenas de milhares de mulheres da Rússia e de outras nações soviéticas se engajaram em combates na linha de frente, defendendo a terra contra os invasores alemães. Atualmente, em muitos países, há mulheres nas forças armadas, mas apenas o Canadá, a Dinamarca, a França, a Alemanha e alguns outros permitem que elas participem de unidades de combate.

Em vez de procurar fatores biológicos chave para explicar a divisão social do trabalho, uma estratégia mais útil é examinar o tipo de trabalho que os homens e as mulheres realizam no contexto de sociedades específicas, a fim de entender como este se relaciona a outros fatores históricos e culturais. Os pesquisadores encontram um *continuum* de padrões, que variam da integração flexível entre homens e mulheres à rígida segregação por gênero.³

O *padrão flexível/integrado* é exemplificado pelos ju'/hoansi, discutido anteriormente, e é observado com mais frequência entre povos coletores (assim como entre comunidades nas quais o cultivo é tradicionalmente realizado para consumo familiar). Nessas sociedades, homens e mulheres têm participação praticamente igualitária em até 35% das atividades, e as tarefas consideradas adequadas para um gênero podem ser realizadas pelo outro sem perda de prestígio. Nas sociedades em que essas práticas prevalecem, as crianças são educadas do mesmo modo, aprendem a valorizar a cooperação, não a competição, e se habitua a homens e mulheres adultos que interagem de forma relativamente igualitária.

³ Sanday, P. R. *Female power and male dominance: On the origins of sexual inequality*. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press, 1981. p. 79-80.

As sociedades que seguem o *padrão de segregação* definem quase toda tarefa como masculina ou feminina, então homens e mulheres raramente juntam esforços de qualquer natureza. Nessas sociedades, é inconcebível que alguém possa mesmo pensar em fazer algo considerado trabalho do sexo oposto. Esse padrão é frequentemente observado em sociedades industriais, de pastores nômades e de agricultura intensiva, nas quais o trabalho masculino mantém o homem fora de casa a maior parte do tempo. Em tais sociedades, espera-se, tipicamente, que o homem seja forte, agressivo e competitivo, o que com frequência envolve a afirmação da superioridade masculina; portanto, da autoridade sobre a mulher. Historicamente, as sociedades segregadas por gênero com assiduidade impõem seu controle sobre aquelas que apresentam integração, abalando a natureza igualitária desta.

No terceiro padrão de divisão de trabalho por gênero, às vezes chamado *configuração de dois sexos*, homem e mulher realizam o trabalho de modo separado, como nas sociedades segregadas por gênero, mas a relação entre eles é de complementaridade equilibrada, não de desigualdade. Assim, da mesma forma que nas sociedades integradas, um gênero não exerce dominância sobre o outro. A orientação de dois sexos pode ser observada em certos povos indígenas norte-americanos cuja economia baseava-se na agricultura de subsistência, assim como em vários reinos do noroeste da África, até mesmo o reino daomeano, mencionado anteriormente.

Em sociedades pós-industriais, a divisão do trabalho por gênero se torna indistinta e irrelevante, lembrando o padrão flexível/integrado dos coletores tradicionais, já discutido brevemente. Embora existam preferências por gênero e discriminação no local de trabalho, em sociedades que estão passando por transição econômica, as ideias culturais características de sociedades agrícolas ou industriais previsivelmente se modificam com o tempo, adaptando-se aos desafios e às oportunidades pós-industriais.

Divisão do trabalho por idade

A divisão do trabalho de acordo com a idade também é típica de sociedades humanas. Entre os ju'/hoansi, por exemplo, não se espera que as crianças contribuam de modo significativo para a subsistência antes que cheguem ao fim da adolescência. Na verdade, enquanto não possuem os níveis de força e resistência do adulto, é difícil coletar grande quantidade de alimentos de “arbustos”.

Entre os ju'/hoansi, o equivalente à aposentadoria acontece em torno dos 60 anos de idade. Os idosos, apesar de geralmente coletarem alimento para consumo próprio, não têm obrigação de fazer grandes contribuições. Entretanto, homens e mulheres mais velhas desempenham um papel essencial nas questões espirituais. Livres dos tabus alimentares e de outras restrições que se aplicam a jovens adultos, eles podem lidar com substâncias utilizadas em rituais e consideradas perigosas para aqueles que caçam ou que têm crianças. Em virtude da idade, lembram de práticas e eventos habituais que aconteciam no passado. Portanto, são repositórios de sabedoria acumulada, a biblioteca de um povo ágrafo, e conseguem apresentar soluções para problemas que os adultos mais jovens nunca tiveram de enfrentar. Considerados úteis pelo conhecimento que possuem, estão longe de ser membros improdutivos da sociedade.

Em muitas sociedades agrícolas tradicionais, as crianças e os idosos podem contribuir muito para a economia em questão de trabalho e responsabilidade, o que não é comum em sociedades industriais ou pós-industriais. Por exemplo, nas comunidades de lavradores maias, no sul do México

GLOSSÁRIO

reciprocidade Troca de produtos e serviços de valor aproximado entre duas partes.

reciprocidade generalizada Forma de troca em que o valor do presente não é calculado, nem o período para retribuição é especificado.

reciprocidade equilibrada Forma de troca em que dar e receber são específicos com relação ao valor do produto e ao período de entrega.

reciprocidade negativa Forma de troca cujo objetivo é conseguir algo pelo menor valor possível. Não é justa nem equilibrada e pode envolver barganha, manipulação, trapaça direta ou roubo.

e da Guatemala, as crianças cuidam dos irmãos mais novos e ajudam no serviço doméstico. As meninas começam a contribuir substancialmente para o trabalho familiar aos 7 ou 8 anos de idade. Aos 11 anos, estão constantemente ocupadas com diversas tarefas: moer milho, preparar *tortillas*, recolher lenha e água, varrer a casa, e assim por diante. Os meninos não têm tanto a fazer, mas realizam pequenas tarefas, como recolher as galinhas ou brincar com o bebê. No entanto, aos 12 anos, carregam as *tortillas* assadas para os que

estão trabalhando no campo e retornam com cargas de milho.⁴

As crianças também trabalham nas sociedades industriais, pois as famílias pobres dependem de toda contribuição possível. No entanto, o desespero econômico pode facilmente levar à exploração abusiva de crianças em fábricas. O emprego do trabalho infantil se tornou uma preocupação cada vez maior, pois as grandes corporações capitalistas contam com a produção de baixo custo nos países mais pobres do mundo. É difícil apresentar números confiáveis, mas estima-se que há quase 200 milhões de crianças com menos de 14 anos trabalhando; quase todas vivem em países do Terceiro Mundo, nos quais a família depende da renda extra que recebem. Com apenas 6 ou 7 anos, muitas delas começam a trabalhar o dia inteiro, por salários extremamente ínfimos, o que ajuda a manter baixos os custos de produção. Embora os Estados Unidos tenham há muito aprovado leis que proíbem o trabalho infantil institucionalizado, importam pelo menos 100 milhões de dólares em produtos manufaturados por crianças que recebem salários irrisórios, que variam de tapetes e roupas a bolas de futebol.⁵

Trabalho cooperativo

Grupos de trabalho cooperativo podem ser encontrados em todo lugar, em sociedades coletoras, produtoras de alimentos, industriais e não industriais. Com frequência, quando o esforço envolve toda a comunidade, o espírito festivo permeia o trabalho.

Em algumas partes do leste da África, os grupos de trabalho (ou *mutirão*) iniciam com a apresentação de um pote de cerveja de milho, o principal cereal, que será consumido após as tarefas. De produção caseira, a cerveja não é o pagamento pelo trabalho; na verdade, o esforço aplicado vale bem mais que isso. Certamente, o fato de tomarem essa bebida de baixo teor alcoólico, mas altamente nutritiva, com o grupo, é muito mais uma atividade simbólica para celebrar o espírito de amizade e apoio mútuo, visto que a recompensa vem à medida que os indivíduos, cedo ou tarde, participam de grupos de trabalho para outros membros da sociedade. Nas áreas rurais de todo o mundo, os agricultores, em geral, se ajudam mutuamente durante os períodos de colheita e fenação, compartilhando com frequência os equipamentos maiores.

Em grande parte das sociedades humanas, a unidade básica em que a cooperação acontece é o lar. É uma unidade de produção e consumo; apenas nas sociedades industriais esses dois aspectos foram separados.

⁴ Vogt, E. Z. *The Zinacantecos of Mexico: A modern Maya way of life*. 2. ed. Fort Worth: Holt, Rinehart & Winston, 1990. p. 83-87.

⁵ It's the law: Child labor protection. *Peace and Justice News*, n. 11, nov.-dez. 1997.

Especialização em tarefas

Nas sociedades contemporâneas industriais e pós-industriais, há grande diversidade de tarefas especializadas; portanto, é difícil que um indivíduo conheça todas as que, no geral, são consideradas adequadas para sua idade e gênero. No entanto, embora a especialização tenha crescido, as tecnologias modernas fazem com que a divisão de trabalho com base em gênero seja menos relevante. Em contraste, nas sociedades de coleta em pequena escala e nas agrícolas tradicionais, a divisão do trabalho de modo típico ocorre conforme idade e gênero. Cada pessoa tem conhecimento de todos os aspectos do trabalho adequado para seu gênero e sua idade, e competência para realizá-lo. Contudo, mesmo nessas sociedades não industriais, há uma medida de especialização.

Um exemplo disso pode ser encontrado entre o povo afar, na Depressão de Danakil, na região de fronteira entre Eritreia e Etiópia, um dos lugares mais quentes e mais baixos da Terra.⁶ O relevo desolado apresenta campos de enxofre, fissuras fumacentas, tremores vulcânicos e imensas planícies de sal. Há muito tempo, os homens periodicamente extraem o sal, recortando blocos da crosta da planície. O trabalho é desgastante, ainda mais com temperaturas que chegam a quase 60 °C.

Além da força física para trabalhar sob condições extremas, a extração exige planejamento especializado e habilidades de organização para se movimentar na área.⁷ Os camelos precisam ser alimentados com antecedência, pois carregar forragem interfere na capacidade para transportar o sal. A água e o alimento, empacotados pelas mulheres na borda do deserto, devem ser levados aos mineiros, geralmente grupos de trinta a quarenta pessoas. A viagem acontece à noite, para evitar o sol escaldante.

TROCA E DISTRIBUIÇÃO

Em sociedades sem economia monetária, as recompensas pelo trabalho são quase sempre diretas. Os trabalhadores de um grupo familiar consomem o que colhem, comem o que o caçador ou coletor traz para casa e utilizam as ferramentas que eles mesmos produzem. Contudo, mesmo onde não há um meio de troca formal, como a moeda, ocorre alguma distribuição de produtos. Os antropólogos frequentemente classificam os sistemas culturais de distribuição de bens materiais em três categorias: reciprocidade, redistribuição e troca de mercado.⁸

Reciprocidade

Reciprocidade refere-se à troca de produtos e serviços de valor aproximado entre duas partes. Isso pode envolver presentear. Notavelmente, indivíduos ou grupos em muitas culturas acreditam que o ponto principal da transação é o presente em si, mas o que realmente importa são os laços

⁶ Nesbitt, L. M. *Hell-hole of creation*. Nova York: Knopf, 1935.

⁷ Mesghinua, H. M. Salt mining in Enderta. *Journal of Ethiopian Studies*, n. 4 v. 2, 1966; O'Mahoney, K. The salt trade. *Journal of Ethiopian Studies*, n. 8, v. 2, 1970.

⁸ Polanyi, K. The economy as instituted process. In: LeClair Jr, E. E.; Schneider, H. K. (Eds.) *Economic anthropology: Readings in theory and analysis*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1968. p. 127-138.



sociais criados ou reforçados entre quem dá o presente e quem o recebe. Como a reciprocidade refere-se a uma relação entre o eu e o outro, o ato de presentear raramente é desinteressado. O motivo principal (se inconsciente) é cumprir uma obrigação social e talvez conseguir um pouco de prestígio no processo.

As tradições culturais determinam a ocasião, o lugar e a forma de troca. Por exemplo, quando um grupo de caçadores australianos mata um animal, a carne é dividida entre as famílias e outros parentes. Cada pessoa recebe uma parte, cujo tamanho depende da natureza dos laços que a ligam aos caçadores. Dar e receber são obrigatórios, como também a particularidade da distribuição. Essa divisão reforça os laços comunitários e garante que todos se alimentem. Ao doar parte da caça, os caçadores ganham créditos sociais para uma quantidade semelhante de alimento no futuro. De certa forma, é como adquirir um seguro coletivo.

A reciprocidade divide-se em várias categorias. A distribuição australiana constitui um exemplo de **reciprocidade generalizada** – forma de troca em que o valor do presente não é calculado, nem a data de retribuição é especificada. Presentear, com fim altruísta, também pertence a essa categoria, como ainda o ato de uma alma bondosa que ajuda certo motorista em dificuldades ou alguém em desespero e recusa o pagamento com a frase: “Faça o mesmo para alguém que precise”.

A reciprocidade mais generalizada, entretanto, ocorre entre parentes próximos ou pessoas com laços fortes. Nesses círculos íntimos, as pessoas dão presentes quando têm meios e sabem que vão receber quando precisarem. Tipicamente, os participantes não consideram essas trocas em termos econômicos, mas as expressam de forma explícita em questão de relações familiares e de amizade.

A **reciprocidade equilibrada** é diferente, pois não faz parte de um processo de longo prazo. O dar e receber, assim como o tempo envolvido, são mais específicos. A pessoa tem obrigação direta de retribuir prontamente no mesmo valor para que a relação social perdure. Exemplos de reciprocidade equilibrada na sociedade norte-americana contemporânea incluem práticas costumeiras como organizar o chá de bebê para a amiga que espera o primeiro filho, dar presentes em aniversários e várias outras ocasiões especiais, determinadas culturalmente, e pagar a bebida em um encontro de amigos.

A **reciprocidade negativa** é uma terceira forma de troca cujo objetivo é conseguir algo pelo menor valor possível. As partes envolvidas apresentam interesses opostos e geralmente não têm relação próxima; podem ser estranhos ou mesmo inimigos. São pessoas para quem as trocas não são justas nem equilibradas e normalmente não se espera que o sejam. Pode envolver barganha, manipulação ou trapaça direta. Um modo extremo de reciprocidade negativa é tomar algo à força, mesmo sabendo que a vítima poderá buscar compensação ou retribuição pela perda.

Troca e comercialização

As trocas que ocorrem em um grupo de parentes ou entre amigos são normalmente do tipo reciprocidade equilibrada ou generalizada. *Troca* refere-se a uma transação em que duas ou mais pessoas estão envolvidas na permuta de um produto – uma quantidade de comida, combustível, roupas, joias, animais ou moeda, por exemplo – por outro de igual valor. Nessa transação, o valor dos bens pode ser estabelecido previamente ou negociado pelas partes no momento da troca. Quando não há moeda envolvida na transação, e as partes negociam a troca direta de um bem por outro, pode-se falar em *barganha*. Na barganha, a discussão sobre o preço do bem e os termos do negócio pode muito bem ser na forma de reciprocidade negativa, em que uma parte tenta obter lucro maior que a outra.

O valor relativo é calculado e, apesar de as partes mostrarem indiferença, a regra geral é a discussão, quando comparada à natureza mais equilibrada de trocas em um grupo.

Círculo Kula: comércio e troca de presentes no Pacífico Sul

A reciprocidade equilibrada pode assumir formas mais complicadas, em que a troca de presentes serve para facilitar a interação social, “atenuando” as relações sociais entre os comerciantes que desejam negociar. Um exemplo etnográfico clássico de reciprocidade equilibrada entre parceiros comerciais que desejam ser amigos e, ao mesmo tempo, fazer negócios é o **círculo Kula**, no sudoeste do Oceano Pacífico. Ao envolver milhares de comerciantes que atravessam grandes distâncias e mantêm boas relações comerciais, esse antigo sistema cerimonial de trocas permanece até hoje.⁹

Os participantes do círculo Kula são homens de influência que viajam para as ilhas de Trobriand para trocar itens de prestígio: colares de conchas vermelhas (*soulava*) são trocados em sentido horário, e braceletes de conchas brancas (*mwali*), em sentido anti-horário (Figura 11.1). Cada homem do círculo Kula está ligado a parceiros das ilhas vizinhas. Para um parceiro que reside em uma ilha do sentido horário do percurso, ele oferece um *soulava* e recebe em troca um *mwali*. Então faz a troca inversa de um *mwali* por um *soulava* com um parceiro que vive no sentido anti-horário. Cada um deles, por fim, passa o objeto para outro parceiro das ilhas que fazem parte do círculo Kula.

O *soulava* e o *mwali* são classificados de acordo com o tamanho, a cor, o polimento que recebem e sua história específica. A fama de alguns é tal que, quando chegam a uma vila, criam sensação.

Tradicionalmente, os homens realizam a viagem pelo círculo Kula em canoas entalhadas, navegando com barcos de seis ou sete metros de comprimento em alto-mar, por distâncias de até cem quilômetros ou mais. A aventura é quase sempre perigosa e pode fazer com que fiquem longe de casa por várias semanas, às vezes meses. Embora as viagens ofereçam oportunidades para negociar produtos básicos, esse nem sempre é o motivo – o Kula também não é uma parte necessária dessas expedições comerciais regulares.

Talvez a melhor maneira de entender o Kula seja como uma apólice de seguro em uma ordem econômica repleta de perigos e incertezas. Ele estabelece e reforça as parcerias sociais entre comerciantes que negociam em lugares distantes, garantindo uma recepção calorosa por parte daqueles que têm interesses semelhantes. Assim, essa rede cerimonial de trocas significa bem mais que simplesmente atenuar ou melhorar a troca de alimentos e outros produtos essenciais para a sobrevivência. Os melanésios que participam do círculo Kula não têm dúvida de que sua posição social está relacionada às relações que mantêm e os círculos em que se movimentam. Eles

GLOSSÁRIO

círculo Kula Forma de reciprocidade equilibrada que reforça o comércio e as relações sociais entre os povos das ilhas Trobriand, no sudoeste do Oceano Pacífico, na costa de Papua Nova Guiné e outras ilhas da Melanésia.

redistribuição Modo de troca em que os produtos são levados para um lugar central, onde são separados, contados e realocados.

consumo conspicuo Forma de ostentação de riqueza para obter prestígio social.

potlatch Na costa noroeste da América do Norte, cerimônia em que um chefe distribui publicamente alimentos e outros produtos que simbolizam riqueza.

⁹ Malinowski, B. *Argonauts of the western Pacific*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1922. p. 94; Weiner, A. B. *The Trobrianders of Papua New Guinea*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1988.

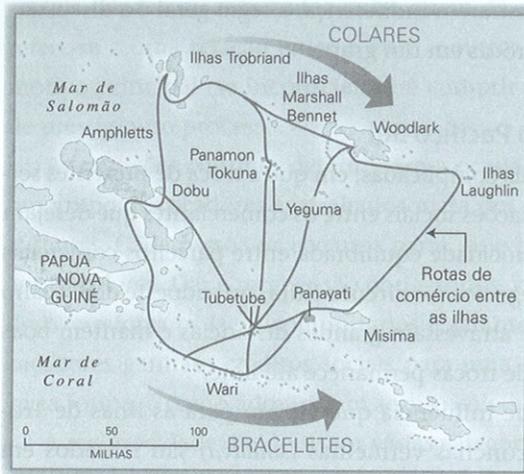


Figura 11.1 A troca cerimonial de presentes feitos de conchas no círculo Kula incentiva o comércio nas ilhas da Melanésia.

obtem prestígio social em virtude da reputação dos parceiros e dos objetos de valor que circulam. Ao dar e receber braceletes e colares que acumulam a história de suas viagens e o nome daqueles que as possuíram, os homens proclamam sua fama e talento individuais, obtendo influência considerável nesse processo.

Como outras formas de moeda, o *soulava* e o *mwali* devem passar de mão em mão; quando esse processo para, ambos podem perder seu valor. Aquele que leva esses objetos valiosos para fora do circuito recebe críticas. Ele pode perder seu prestígio ou capital social como homem de influência, e também se transformar em alvo de feitiçaria por revelar a cultura que

mantém as ilhas unidas como uma ordem social e econômica em funcionamento.

Como ilustra esse exemplo do Pacífico Sul, a tensão potencial entre os parceiros de comércio pode ser resolvida ou atenuada pela participação em um ritual de reciprocidade equilibrada. Como um complexo de cerimônias elaboradas, relações políticas, trocas econômicas, viagens, mágica e integração social, o círculo Kula mostra como as questões econômicas não se separam do restante da cultura. Embora talvez seja difícil reconhecer, isso também acontece nas sociedades industriais modernas, do mesmo modo que na sociedade tradicional das ilhas Trobriand, quando os chefes de Estado trocam presentes em visitas oficiais.

Redistribuição

Redistribuição é a forma de troca em que os produtos são levados para um lugar central, onde são separados, contados e realocados. Geralmente envolve uma parcela de poder. Em sociedades com excedente suficiente para suportar algum tipo de governo, os produtos em forma de presentes, impostos, taxas e resultado de guerras são armazenados em galpões controlados por um chefe, ou algum outro tipo de líder. Então, são repassados novamente. O líder apresenta três motivos para fazer a redistribuição: o primeiro é ganhar ou manter a posição de poder, demonstrando riqueza e generosidade; o segundo é garantir àqueles que apoiam sua liderança um padrão de vida adequado, proporcionando os bens desejados; o terceiro é estabelecer alianças com líderes de outros grupos, realizando festas suntuosas e oferecendo presentes valiosos.

Os impostos estabelecidos pelos governos centrais dos países em todo o mundo são uma forma de redistribuição, pagamentos exigidos normalmente com base em uma porcentagem da renda e dos valores de propriedade do contribuinte. Tipicamente, uma parte dos impostos serve para sustentar o próprio governo, enquanto o restante é redistribuído em forma de pagamentos (como previdência e empréstimos do governo ou subsídios) ou na forma de serviços (como defesa militar, cumprimento das leis, inspeção de alimentos e remédios, escolas, construção de rodovias, e assim por diante). As leis tributárias variam muito. Em diversos países europeus, os cidadãos ricos pagam consideravelmente mais impostos que os dos Estados Unidos.

Gasto da riqueza para obtenção de prestígio

Nas sociedades em que as pessoas dedicam a maior parte de seu tempo a atividades de subsistência, as parcelas de riqueza são pequenas e, por isso, mantidas através de vários mecanismos e sistemas culturais de reciprocidades que servem para distribuir a riqueza existente. A situação é diferente nas sociedades de classe, que produzem excedentes substanciais e as diferenças entre os que têm muito e os que possuem pouco são consideráveis. Nessas sociedades, a demonstração exagerada para obter prestígio social, chamada **consumo conspícuo**, é um forte motivador para a distribuição da riqueza.

É evidente que o esforço excessivo para impressionar por meio da riqueza ou do *status* também tem papel importante nas sociedades industriais e pós-industriais, à medida que as pessoas competem para obter prestígio. Na verdade, muitos norte-americanos e europeus passam grande parte da vida tentando impressionar os outros. Isso exige a ostentação de símbolos de prestígio – roupas de grife, joias exuberantes, mansões gigantescas, carros enormes, jatos particulares – e se ajusta perfeitamente a uma economia com base no desejo de consumo.

Um modo de consumo conspícuo também ocorre em algumas sociedades coletoras e agrícolas, como ilustram as cerimônias *potlatch* realizadas pelos chefes de vários grupos indígenas norte-americanos que vivem ao longo da costa do Pacífico, incluindo os povos tlingit, haida e kwakwaka'wakw (Kwakiutl). O *potlatch* é uma cerimônia em que um chefe distribui publicamente alimentos e outros produtos que simbolizam riqueza. (O termo vem da palavra indígena chinook *patshatl*, que significa “presente”.¹⁰)

Tradicionalmente, um chefe que possui excedente suficiente para realizar tal festa em outras aldeias da região distribui grandes quantidades de couro de lontra do mar, salmão defumado, cobertores e outros objetos valiosos, enquanto faz discursos exagerados sobre sua generosidade, grandeza e seus ancestrais gloriosos. Na medida em que os outros chefes ficam em débito, ele colhe os louros da liderança generosa e repleta de êxito e vê seu prestígio crescer. No futuro, a própria aldeia talvez enfrente escassez, e ele então estará entre aqueles que recebem presentes. Caso isso aconteça, ele vai ouvir os discursos pomposos dos chefes rivais. Obrigado a receber, temporariamente perderá prestígio e *status*.

Em exibições extremas de riqueza, os chefes até mesmo destroem parte de suas preciosas posses. Isso acontecia com frequência na segunda metade do século XIX, depois que o contato com os europeus desencadeou um processo de mudança cultural que incluía riquezas resultantes de comércio. Um estranho pode considerar essas demonstrações grandiosas um desperdício exagerado. Entretanto, tais cerimônias extravagantes apresentam papel ecologicamente adaptativo na região da costa, onde as aldeias enfrentam, de modo alternado, períodos de escassez e de abundância e dependem de alianças e do comércio para sobreviver no longo prazo. O *potlatch* apresentava uma oportunidade cerimonial para distribuir de forma estratégica o excedente de alimentos e produtos entre as aliadas, em resposta a flutuações periódicas da sorte.

Uma estratégia que apresenta esse tipo de acúmulo de bens com o fim específico de ostentar riqueza e presentear para ganhar mais *status* é a **economia de prestígio**. Em comparação ao consumo

¹⁰ Podemos também traduzir e “entender” presente como dádiva/dom que se recebe. Nesse sentido, ver a obra de Marcel Mauss, *Ensaio sobre a dádiva*. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas, de 1925, que trata, entre outras coisas, sobre os métodos de troca nas sociedades consideradas primitivas. (NRT)

conspícuo nas sociedades industriais e pós-industriais, a ênfase não está no acúmulo de bens, que então se tornam inacessíveis para outras pessoas. Ao contrário, está na obtenção da riqueza, a fim de oferecer presentes simplesmente para obter prestígio e *status*.

Mecanismos niveladores

O *potlatch* é um exemplo de **mecanismo nivelador** – uma obrigação cultural que faz com que os membros prósperos de certa comunidade deem presentes, promovam festas públicas, ofereçam serviços gratuitos ou demonstrem generosidade de qualquer outra forma, para que determinada pessoa não acumule de modo permanente mais riqueza que qualquer outra. Com os mecanismos niveladores em funcionamento, mais riqueza produz maior pressão social para gastar e doar generosamente. Com essa demonstração de altruísmo, a pessoa tem mais destaque social perante a comunidade e também evita a inveja devastadora.

Como os mecanismos niveladores enfatizam o valor do bem-estar coletivo sobre o interesse individual, são importantes para a sobrevivência das comunidades tradicionais no longo prazo. A cerimônia *potlatch* é apenas uma das diversas variedades culturais de mecanismos niveladores. Outro exemplo pode ser encontrado nas vilas maias, no altiplano da Guatemala e do sul do México. Nessas comunidades tradicionais, os cargos mais altos são os de conselheiros, juízes e prefeitos, além de várias posições de liderança em cerimônias. Uma vez que as pessoas que ocupam esses papéis não recebem pagamento, as posições são conhecidas como *cargos* (em espanhol *carga*). Na verdade, as autoridades maias devem pagar pessoalmente a comida, bebida, música, fogos de artifício, ou o que for necessário para as festividades da comunidade, ou pelos banquetes relacionados ao posto específico. Para alguns cargos, o custo pode ser o equivalente ao valor recebido por um homem em quatro anos.

Depois de cumprir o mandato, o homem geralmente retorna à vida normal por determinado período, durante o qual poderá acumular recursos suficientes para concorrer a um cargo mais elevado. Os homens bem-sucedidos da comunidade têm a obrigação social de participar do sistema de cargos da comunidade pelo menos uma vez, e a pressão social impulsiona os indivíduos que já conseguiram acumular riqueza excedente a concorrer a cargos mais altos a fim de aumentar seu *status* social. Teoricamente, enquanto alguns indivíduos conseguem mais prestígio que outros na comunidade, ninguém se torna significativamente mais rico no longo prazo.

Ao pressionar os membros a dividir a riqueza com a própria comunidade, em vez de mantê-la para si ou investir em outro lugar, os mecanismos niveladores mantêm os recursos em circulação. Eles também reduzem as tensões sociais entre parentes, vizinhos e conhecidos, promovendo o

senso coletivo de unidade. Um benefício prático adicional é que os membros mais ricos garantem que os serviços necessários para a comunidade sejam realizados.

Mercado

Para um economista, **troca de mercado** refere-se à compra e venda de bens e serviços, com preços estabelecidos pelas regras de oferta e demanda. Os valores morais e a lealdade pessoal não devem

ser considerados importantes, mas, no geral, o são. Como o local da transação nem sempre é relevante, no mundo atual, é necessário distinguir entre “mercado” e “trocas de mercado”.

Tipicamente, até o século XX, as trocas eram realizadas em locais específicos, os *mercados*. Isso ainda acontece em grande parte do mundo não industrializado e mesmo em muitas cidades antigas da Europa e da Ásia. Nas sociedades produtoras, os mercados administrados por determinada autoridade política centralizada oferece oportunidades para que agricultores ou camponeses das áreas vizinhas troquem parte dos animais e produtos por itens necessários, manufaturados em fábricas ou nas oficinas de artesãos que (no geral) vivem nas cidades. Portanto, é necessário algum tipo de divisão complexa do trabalho e de organização política centralizada para o surgimento dos mercados.

O mercado tradicional é local, específico e controlado. Os preços são normalmente estabelecidos em transações pessoais, não por forças invisíveis completamente distantes do próprio mercado. As vendas não necessariamente envolvem moeda; os produtos podem ser negociados diretamente por meio de algum tipo de troca entre os indivíduos envolvidos.

Em sociedades industrializadas e em processo de industrialização, muitas transações ainda acontecem em um local específico, incluindo feiras internacionais de comércio, como a Canton Trade Fair, em Guangzhou, China. Na primavera de 2007, 13 mil empresas chinesas participaram do evento, oferecendo 150 mil produtos e gerando mais de 36 bilhões de dólares em vendas para 207 mil visitantes.

Contudo, nas regiões tecnologicamente conectadas, é cada vez mais comum comprar e vender de tudo, de gado a carros, sem estar na mesma cidade ou no mesmo espaço. Por exemplo, nas empresas que funcionam via internet, como o eBay, as transações ocorrem de forma eletrônica, independentemente da distância geográfica. Assim, quando se fala em mercado, no mundo industrializado ou pós-industrializado, a localização geográfica específica onde um produto é comprado ou vendido não tem nenhuma importância.

As trocas impessoais que acontecem nas sociedades industriais e pós-industriais contrastam muito com a experiência das sociedades não industriais, que apresentam o movimento atribulado de uma feira. Os centros tradicionais são lugares coloridos, nos quais uma grande quantidade de produtos desperta os sentidos. De modo típico, os vendedores e/ou os membros da família produzem o que vendem, personalizando as transações. Há apresentações de música e dança, e o fim do dia é marcado por celebrações. Nesses mercados, as relações sociais e as interações pessoais são elementos importantes, e as atividades não econômicas podem suplantar as econômicas. Resumindo, esses mercados são locais de encontro em que as pessoas renovam as amizades, encontram os parentes, conversam e se atualizam, enquanto procuram os bens de que precisam e os quais não produzem.¹¹

Moeda como meio de troca

Embora haja mercados sem moeda de qualquer tipo, ela com certeza facilita o comércio. A **moeda** pode ser definida como algo utilizado para efetuar pagamentos por outros produtos e serviços, assim como para medir seu valor. Suas características principais são: durabilidade, mobilidade, divisibilidade, reconhecimento e permutabilidade. Os itens utilizados como moeda em várias sociedades incluem: sal, conchas, pedras preciosas, sementes de cacau, contas, animais e, naturalmente, metais valiosos como ferro, cobre, prata e ouro.

GLOSSÁRIO

economia de prestígio Criação de excedente com o fim específico de ostentar riqueza e presentear, a fim de aumentar o próprio *status* social.

mecanismo nivelador Obrigação cultural que faz com que os membros prósperos de uma comunidade deem presentes, promovam festas públicas, ofereçam serviços gratuitos ou demonstrem generosidade de qualquer outra forma, de modo que uma pessoa não acumule permanentemente mais riqueza que outra.

troca de mercado Compra e venda de produtos e serviços, com preços estabelecidos por regulamentação de oferta e demanda.

¹¹ Plattner, S. Markets and marketplaces. In: Plattner, S. (Ed.) *Economic anthropology*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1989. p. 171.

GLOSSÁRIO

moeda Qualquer objeto usado para efetuar pagamentos por outros produtos e serviços, assim como para medir seu valor; pode ter fins específicos ou múltiplos.

economia informal Rede de produção e circulação de bens e serviços que, por várias razões, fogem do controle do governo.

Há cerca de 5.000 anos, na Mesopotâmia (agora parte do Iraque), metais preciosos, como a prata, começaram a ser empregados nas transações. Depois que o valor dessas peças foi estabelecido como meio de troca, moeda, seguiram-se outros desenvolvimentos comerciais mais complexos. À medida que o meio de troca foi padronizado

em termos de valor, tornou-se mais fácil acumular, emprestar ou pedir emprestado montantes específicos, por determinado período, com o pagamento de juros. Com o tempo, alguns indivíduos começaram a lidar apenas com moeda e se tornaram banqueiros.

A partir da disseminação da moeda, as unidades de metal foram adaptadas para uso prolongado, fácil armazenagem e transporte em longa distância. Em algumas culturas, essas peças de ferro, cobre ou prata eram cunhadas como miniaturas de implementos, como machados ou espadas. Entretanto, aproximadamente 2.600 anos atrás, no antigo reino de Lídia (sudoeste da Turquia), começaram a ser moldadas em forma de pequenos discos achatados, com tamanho e peso diferentes.¹² Durante os séculos seguintes, as moedas de metal foram padronizadas com relação à pureza e valor – por exemplo, 100 unidades de cobre equivalem a 10 unidades de prata ou 1 de ouro.

Cerca de 2.000 anos atrás, o emprego comercial dessas moedas havia praticamente se disseminado por toda a Europa e se tornado comum em partes da Ásia e da África, especialmente em rotas comerciais e centros urbanos. Portanto, a moeda provocou mudanças econômicas radicais em muitas sociedades tradicionais e introduziu o que se chama capitalismo de mercadores em muitas partes do mundo.¹³

ECONOMIA LOCAL E CAPITALISMO GLOBAL

Pode haver sérias consequências econômicas quando as tendências culturais não são superadas, principalmente na era da globalização. Por exemplo, isso fez com que países prósperos impusessem esquemas inadequados de desenvolvimento em partes do mundo consideradas economicamente subdesenvolvidas. De modo típico, esses esquemas se concentram em aumentar as metas de crescimento do produto interno bruto, por meio de uma escala de produção que, com frequência, melhora o bem-estar para alguns, mas provoca pobreza, deficiências de saúde, descontentamento e muitas doenças para outros.

Entre diversos exemplos, relata-se a produção global de soja, que cresceu demasiadamente em várias partes do mundo, em particular no Paraguai. Lá, os grandes proprietários de terra, aliados ao agronegócio, muitos dos quais são propriedade dos vizinhos brasileiros, agora produzem sementes modificadas geneticamente, desenvolvidas e comercializadas por companhias estrangeiras, em especial a corporação Monsanto, multinacional com base nos Estados Unidos. Apesar de esses proprietários de terra e de agronegócios terem apenas 1% do total de fazendas no Paraguai, possuem agora quase 80% das áreas agrícolas do país. Com a exportação da soja, obtêm lucros volumosos porque os custos de produção são baixos e a demanda internacional por alimento para gado e biocombustível é alta.

No entanto, as vítimas do progresso são os pobres da área rural, centenas de milhares de pequenos agricultores e camponeses sem-terra, trabalhadores rurais e suas respectivas famílias. Eles, de forma tradicional, cultivam a maior parte do alimento que consomem (mais algum extra para vender nos mercados locais) em pequenas áreas; vários foram forçados a sair da terra que ocupavam e a trabalhar por salários muito baixos ou a migrar para cidades, ou mesmo para outros países, a fim de sobreviver. Aqueles que ficaram enfrentam a desnutrição e outras dificuldades, pois não possuem terra fértil suficiente para alimentar a família e não ganham o suficiente para as necessidades básicas.¹⁴

Esses aspectos estão relacionados ao fato de que toda cultura é um sistema integrado (como ilustra o modelo cilíndrico, ver Capítulo 8) e que uma alteração na infraestrutura, ou na base econômica, afeta os elementos interligados da estrutura e da superestrutura social da sociedade. Como demonstram os exemplos etnográficos do *potlatch* e do círculo Kula, as atividades econômicas nas culturas tradicionais estão interligadas de modo complexo com as relações políticas e sociais e também podem envolver elementos espirituais. Os programas de desenvolvimento que não consideram essas complexidades podem ter consequências negativas não intencionais para a sociedade. Felizmente, há agora a consciência cada vez maior por parte das autoridades de desenvolvimento de que os futuros projetos provavelmente não tenham êxito sem o conhecimento especializado da antropologia.

Atualmente, obter o entendimento transcultural da organização econômica de outros povos, que não seja distorcida ou limitada pela lógica, pela esperança e pelas expectativas da própria sociedade, também se tornou importante para os altos executivos. Reconhecer como a estrutura econômica se interliga a outros aspectos de uma cultura pode ajudar as empresas a evitar problemas, como aconteceu com a Gerber, quando iniciou a venda de comida para bebês, na África. Como nos Estados Unidos, os rótulos dos produtos mostravam a imagem de um bebê sorrindo. Somente mais tarde os executivos descobriram que, na África, as empresas rotineiramente colocam a imagem do próprio produto no rótulo, pois muitas pessoas não sabem ler.¹⁵

À medida que cresce a globalização, também aumenta a consciência empresarial sobre o custo da falta de informações culturais. Então, não é nenhuma surpresa que os recrutadores, nas universidades norte-americanas e em outros lugares, procurem candidatos com o tipo de conhecimento de mundo que a antropologia proporciona.

Quando essas oportunidades de trabalho envolvem ajudar uma empresa a explorar as pessoas para obter lucro comercial, o antropólogo deve considerar o primeiro princípio ético da profissão: não causar danos.¹⁶ É importante destacar que o objetivo principal de empresas poderosas geralmente são os lucros milionários; esses objetivos não incluem proteger os fracos, beneficiar os pobres, apoiar os doentes, favorecer os pequenos produtores ou preservar o meio ambiente. Sua política é universalmente promovida por meio de *slogans* como “livre comércio”, “mercado livre” e “liberdade de empreendimento”. O sucesso comercial desses empreendimentos, nacionais ou internacionais, sempre tem um preço, geralmente pago por povos coletores nativos, pequenos

¹² Davies, G. *A history of money from the earliest times to present day*. 3. ed. Cardiff: University of Wales Press, 2005.

¹³ Ver também Wolf, E. R. *Europe and the people without history*. Berkeley: University of California Press, 1982. p. 135-141.

¹⁴ Fogel, R.; Riquelme, M. A. *Enclave sojero*. Merma desoberanía y pobreza. Assunção: Centro de Estudios Rurales Interdisciplinarias, 2005; Bodley, J. H. *Victims of progress*. 3. ed. Mountain View, CA: Mayfield, 1990. p. 141.

¹⁵ Madison Avenue relevance. *Anthropology Newsletter*, n. 40, v. 4, p. 32, 1999.

¹⁶ Os antropólogos brasileiros seguem o Código de Ética da Associação Brasileira de Antropologia – ABA (www.abant.org.br). (NRT)

agricultores, pastores, pescadores, artesãos locais, como tapeceiros e carpinteiros, e assim por diante. De acordo com o ponto de vista dessas pessoas, tais *slogans* de liberdade representam o “capitalismo selvagem”, uma expressão normalmente empregada na América Latina para descrever a ordem mundial em que os mais fracos estão frequentemente condenados à pobreza e à miséria.

Embora as autoridades políticas das sociedades organizadas em estados procurem administrar e controlar as atividades econômicas para tentar regulamentar e cobrar impostos, nem sempre o conseguem. Seja em razão dos recursos insuficientes, do gerenciamento burocrático deficiente e da corrupção, seja por causa das pessoas que tentam escapar das regulamentações e dos cobradores de impostos, as sociedades organizadas em estados também possuem uma **economia informal** não documentada, uma rede de produção e circulação de bens e serviços que, por várias razões, escapam ao controle do governo (enumeração, regulamentação ou outros tipos de monitoramento ou auditoria pública).

Tais empreendimentos podem incluir muitas atividades: limpeza doméstica, cuidado de crianças, jardinagem, serviços de reparo ou construção, produção e venda de bebidas alcoólicas, comércio de rua, empréstimos financeiros, pedir esmolas, prostituição, jogo, tráfico de drogas, pequenos furtos e serviços realizados por trabalhadores estrangeiros ilegais, apenas para mencionar alguns deles.

Essas atividades sem registro, de mercado informal, são conhecidas há muito tempo, mas, no geral, são consideradas de importância marginal pelos economistas. Contudo, em muitos países, a economia informal é, na verdade, mais relevante que a formal. Em diversos países, um grande número de pessoas desempregadas ou com subempregos, que têm apenas acesso limitado ao setor da economia formal, na verdade improvisam e “se viram” com recursos escassos. Enquanto isso, os membros mais ricos da sociedade podem evitar várias regulamentações como forma de maximizar os lucros e/ou extravasar a frustração pela perda da autodeterminação em virtude do aumento das regulamentações governamentais.

Agora que a globalização está conectando os mercados locais, regionais e nacionais em que recursos naturais, produtos e mão de obra são comercializados, as pessoas se deparam com novas oportunidades econômicas e enfrentam novos desafios. A tecnologia de ponta transforma radicalmente os ambientes naturais com mais rapidez e as práticas de subsistência, os arranjos econômicos, as organizações sociais e as ideias, as crenças, os valores há muito estabelecidos também sofrem pressões enormes.

Resumo do capítulo

- A adaptação, essencial para a sobrevivência, é o processo contínuo pelo qual os organismos passam a fim de adquirir um ajuste benéfico a um ambiente específico. O ser humano é único em sua capacidade de adaptação cultural – o complexo de ideias, atividades e tecnologias que permitem que as pessoas sobrevivam em determinado ambiente e, por sua vez, o modifiquem.
- Evolução cultural (a mudança das culturas com o tempo) não deve ser confundida com a ideia de progresso (a noção de que o ser humano se move para um estágio mais alto e mais avançado no desenvolvimento em busca da perfeição).
- O modo de vida de coleta de alimentos, a forma mais antiga e universal de adaptação humana, exige que as pessoas mudem a residência de acordo com as fontes de alimento. O tamanho do

grupo é pequeno, possivelmente porque um número menor de pessoas se ajusta à capacidade da terra para sustentá-lo. É óbvio que um habitat rico em recursos naturais pode sustentar mais pessoas que as terras marginais que atualmente abrigam os poucos grupos coletores ainda existentes.

- A mudança da coleta para a produção de alimentos, conhecida como Revolução Neolítica, iniciou-se há aproximadamente 10.000 anos. Com ela surgiram os povoados permanentes, à medida que as pessoas começaram a praticar a horticultura com ferramentas simples. Um modo comum de horticultura é o cultivo por queimadas. A agricultura, uma atividade mais complexa, envolve irrigação, fertilizantes e/ou arados de tração animal. O pastoreio é uma forma de subsistência que depende da criação de rebanhos de herbívoros domesticados, como gado, ovelhas e carneiros, bodes e cabras. Os pastores são geralmente nômades, mudando-se conforme necessário para que os animais obtenham pastagem e água.
- A Revolução Industrial teve início há 200 anos com a invenção do motor a vapor. O trabalho humano, a tração animal e as ferramentas manuais foram substituídos por máquinas e provocaram grandes mudanças culturais em muitas sociedades. Atualmente, em diversas partes do mundo, observa-se o surgimento de sociedades pós-industriais, com economias baseadas na pesquisa e no desenvolvimento de novos conhecimentos e tecnologias, assim como no fornecimento de informações, serviços e capital financeiro em escala global.
- Sistema econômico é um conjunto organizado para produção, distribuição e consumo de bens. O estudo da economia de sociedades não letradas (ágrafas) e não industrializadas somente pode ser realizado no contexto total da cultura de cada uma delas. Cada sociedade resolve os problemas de subsistência alocando recursos naturais, tecnologia e mão de obra conforme as próprias prioridades.
- Toda sociedade regulamenta a alocação de terras e de outros recursos valiosos. Em sociedades não industriais, é raro haver proprietários individuais de terra. Geralmente, a terra é controlada por grupos familiares, como o bando, o que dá flexibilidade ao uso, uma vez que o tamanho do grupo e do território ocupado podem ser ajustados conforme a disponibilidade de recursos em qualquer lugar específico. A tecnologia de um povo, ou seja, as ferramentas utilizadas e o conhecimento a elas associado, está relacionada à forma de subsistência.
- A mão de obra é o principal recurso para a produção, e a distribuição do trabalho é, no geral, determinada por regras conforme gênero e idade. Somente algumas generalizações amplas podem ser feitas sobre o tipo de trabalho realizado por homens e mulheres em cada cultura. Uma estratégia mais produtiva é examinar o tipo de trabalho que homens e mulheres realizam no contexto de sociedades específicas para observar como ele se relaciona a outros fatores históricos e culturais. A cooperação de muitas pessoas no trabalho conjunto é um aspecto típico de sociedades industriais e não industriais. A especialização de tarefas é importante mesmo em sociedades com tecnologias muito simples. Um dos inúmeros exemplos disso é o povo afar, que realiza a mineração de sal na Depressão de Danakil, na África.
- Uma característica das sociedades coletoras é o igualitarismo. Como esse modo de vida exige mobilidade, as pessoas acumulam apenas os materiais necessários para sobreviver; assim, as diferenças de *status* limitam-se àquelas com base em idade e gênero. As diferenças de *status*,

- associadas a gênero, contudo, não implicam a subordinação das mulheres aos homens. Os recursos alimentares são distribuídos igualmente em todos os grupos; portanto, um indivíduo não consegue obter a riqueza ou o *status* que o acúmulo de bens pode proporcionar. Nas sociedades coletoras, os códigos de generosidade promovem o livre acesso a ferramentas, mesmo que sejam feitas para uso do próprio indivíduo que as fabricou. As comunidades estabelecidas em povoados têm mais oportunidades para acumular bens pessoais, e pode ocorrer desigualdade de riqueza entre as pessoas. Nessas comunidades, porém, uma ordem social relativamente igualitária pode ser mantida através de mecanismos niveladores, como a cerimônia *potlatch* e o sistema de cargos.
- Os povos não industriais consomem a maior parte do que produzem, mas também comercializam produtos. Os processos de distribuição podem ser identificados como reciprocidade, redistribuição e troca de mercado. Reciprocidade, a troca de produtos e serviços de valor aproximado entre duas partes, ocorre de três formas: (a) generalizada (o valor não é calculado, nem a data da retribuição é especificada); (b) equilibrada (a pessoa que recebe tem a obrigação de retribuir imediatamente); e (c) negativa (o objetivo é conseguir algo pelo menor valor possível).
 - Troca refere-se à transação em que duas ou mais pessoas estão envolvidas na permuta de um produto por outro de valor igual. As trocas apresentam elementos de reciprocidade, mas envolvem mais cálculos sobre o valor relativo dos produtos negociados. A troca é um modo de comércio que não envolve moeda, e as partes negociam a permuta direta de um produto por outro. Pode também acontecer na forma de reciprocidade negativa, na qual uma parte procura obter lucro maior que a outra. Um exemplo clássico de troca que envolve a reciprocidade equilibrada e a barganha é o círculo Kula das ilhas Trobriand.
 - É necessário haver uma organização política poderosa e centralizada para que ocorra redistribuição. O governo estabelece uma taxa ou tributo a cada cidadão, emprega esses recursos para sustentar o governo e a elite religiosa e redistribui o restante, geralmente na forma de serviços públicos. O sistema de cobrar impostos e oferecer serviços públicos e subsídios, em muitos países, é um modo de redistribuição.
 - O consumo conspícuo, ou demonstração de riqueza para obter prestígio social, é uma força motivadora nas sociedades com excedente de produção. O prestígio vem da doação pública de produtos valiosos, como na cerimônia *potlatch*, que também é um exemplo de mecanismo nivelador.
 - As trocas nos mercados servem para distribuir os produtos em uma região. Nas sociedades não industriais, o mercado é, no geral, um local específico, onde produtos, animais e outros itens são negociados. Também funciona como local de encontros e de atualização de informações. Embora as trocas de mercado possam ocorrer sem moeda, por meio de permutas e de outras formas de reciprocidade, algum tipo de moeda, pelo menos para transações especiais, torna essas trocas mais eficientes. Nas economias de mercado, o setor informal pode se tornar mais importante que o formal. A economia informal consiste de atividades econômicas que fogem do controle e das regulamentações oficiais.
 - Atualmente, a abordagem antropológica aplicada à economia tem mais importância no mundo do comércio e do desenvolvimento internacional. Sem isso, os esquemas de desenvolvimento para os chamados países subdesenvolvidos estão provavelmente fadados ao fracasso, e o comércio internacional fica prejudicado em virtude de desentendimentos culturais.

Questões para refletir

1. Desde o início da história da humanidade, nossa espécie enfrenta o desafio da sobrevivência, adaptando-se a ambientes diferentes. Ao apreender os recursos naturais essenciais, também modifica esses ambientes. Cite exemplos de áreas radicalmente transformadas por motivos econômicos. Quem se beneficia com essas mudanças no longo prazo?
2. O que houve de tão radical na transição neolítica para que seja considerada uma revolução? Você tem conhecimento de mudanças igualmente radicais nas práticas de subsistência que acontecem hoje?
3. Como mostra a cerimônia *potlatch*, pode-se obter prestígio por meio da doação da própria riqueza. Esse mecanismo de desenvolvimento de prestígio ocorre na sociedade onde você vive? Em caso afirmativo, como ele funciona?
4. Como discutimos neste capítulo, as relações econômicas nas culturas tradicionais, no geral, estão ligadas a questões sociais, políticas e mesmo espirituais. Cite alguns exemplos de sua sociedade em que a esfera econômica esteja inextricavelmente ligada a outras estruturas do sistema cultural. A manipulação experimental da esfera econômica afeta outros aspectos da cultura?
5. Qual será o futuro de centenas de milhões de pastores e camponeses independentes que tentam sobreviver da terra, como seus ancestrais?

Palavras-chave

Ecosistema; evolução cultural; progresso; evolução convergente; evolução paralela; coleta de alimentos; sociedade industrial; Revolução Neolítica; horticultura; cultivo por queimada; agricultura; pastoreio; sociedade pós-industrial; sistema econômico; tecnologia; reciprocidade; reciprocidade generalizada; reciprocidade equilibrada; reciprocidade negativa; círculo Kula; redistribuição; consumo conspícuo; *potlatch*; economia de prestígio; mecanismo nivelador; troca de mercado; moeda; economia informal.